

Rede Agroecologia Rio – Análise crítica de uma ação integrada entre instituições públicas e privadas.

Alberto Feiden*

Maria Fernanda de A. C. Fonseca**

Renato Linhares de Assis***

RESUMO

A Rede Agroecologia Rio tem como objetivo principal a geração e a difusão de conhecimentos em práticas de agricultura ecológica, envolvendo para isto sete instituições (públicas e privadas), a saber: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro Nacional de Pesquisa de Agrobiologia (Embrapa Agrobiologia), Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio), Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro (UFRuralRJ), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro (Emater-Rio), Assessoria e Serviços a Projetos de Agricultura Alternativa (AS-PTA), Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO), e Agrinatura Alimentos Naturais Ltda. (AGRINATURA). A atuação tem se dado, desde 1998, de forma integrada e utilizando metodologias participativas, no sentido de gerar, adequar e validar tecnologias agroecológicas, além de apoiar o credenciamento e a comercialização de produtos agroecológicos. Esta atuação em rede tem potencializado o trabalho das instituições envolvidas, mas, por outro lado, considerando-se as diferentes culturas organizacionais, tem determinado alguns problemas para a expansão ou mesmo comprometido a continuidade de algumas atividades. Desta forma, pretende-se, neste artigo, analisar o processo de construção da Rede Agroecologia Rio em seus condicionantes, bem como os fatores que têm se apresentado tanto positivamente como negativamente, para então concluir com propostas que sirvam não só para o melhor encaminhamento deste trabalho específico, mas, principalmente, para nortear outros trabalhos semelhantes.

1- Introdução:

A agroecologia é uma ciência que procura compatibilizar ao máximo os objetivos da agricultura com as leis que regem o funcionamento da natureza, levando à conservação e ao uso sustentável dos recursos naturais. A prática produtiva e a pesquisa científica vêm demonstrando, em várias partes do mundo, que os sistemas agroecológicos são competitivos e sustentáveis, além de produzir alimentos não contaminados e com qualidade nutricional superior.

Sistemas de produção de base agroecológica caracterizam-se pela utilização de tecnologias que respeitem a natureza, para, trabalhando com ela, manter ou alterar pouco as condições de equilíbrio entre os

* Eng. Agr., PhD, Técnico de Nível Superior, Embrapa Agrobiologia. Caixa Postal 74505, Seropédica, RJ, CEP:23850-970. feiden@cnpab.embrapa.br

** Zootecnista., MSc., Pesquisadora, Pesagro-Rio/EENF, Caixa Postal 97.503, Nova Friburgo - RJ, CEP 28601-970. ffonseca@netflash.com.br

*** Eng. Agr., PhD, Pesquisador, Embrapa Agrobiologia, Caixa Postal 74505, Seropédica, RJ, CEP:23850-970. renato@cnpab.embrapa.br

organismos participantes do processo de produção. Com base na utilização destes princípios, foram desenvolvidas diferentes correntes de produção, entre as quais a agricultura orgânica tem sido a mais difundida, sendo reconhecida junto ao mercado como sinônimo de todas as outras (Assis et al., 1998; Costa, 1987; Jesus, 1996; Jesus, 1985).

As primeiras experiências de cunho prático com agricultura orgânica no Brasil, datam da década de 1970¹, verificando-se que, desta época até 1995, o seu desenvolvimento ocorreu de forma muito lenta (Darolt 2000). No que se refere às primeiras iniciativas de organização da produção orgânica, o estado do Rio de Janeiro destaca-se com algumas das experiências pioneiras a nível nacional, quais sejam, a Cooperativa de Consumidores de Produtos Naturais (COONATURA), em 1978, e a Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO), em 1984².

Este pioneirismo, verifica-se também no estado do Rio de Janeiro, na área de pesquisa em agroecologia, sendo mencionado por Frade (2000) que pesquisadores de diferentes instituições tem se dedicado a uma pesquisa³ que vise uma agricultura de baixos insumos, favorecendo o debate, a troca de experiências e o fortalecimento de iniciativas em busca da agroecologia.

No que se refere à assessoria agroecológica aos agricultores, destaca-se, no estado do Rio de Janeiro, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), fundada em 1989⁴ na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de contribuir para a implantação, no Brasil, de um modelo de desenvolvimento agrícola sustentável, fundado no paradigma técnico-científico da agroecologia.

Observa-se um longo histórico de cooperação entre as diferentes iniciativas institucionais fluminenses em agroecologia. Marco nesta cooperação, a Rede Agroecologia Rio formou-se em 1998, visando integrar ações de pesquisa e de desenvolvimento rural relacionadas à agroecologia no estado. Esta rede foi iniciada a partir do financiamento de seu primeiro projeto, com duração de dois anos, pelo Programa de Redes Cooperativas de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (RECOPE-RJ), resultado de ação conjunta entre a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Após este período inicial, em que contou com recursos específicos para a condução dos trabalhos, a Rede Agroecologia Rio iniciou outro período em que se tem procurado manter a articulação e a atuação em rede das instituições que a compõem. Pretende-se neste artigo avaliar criticamente o potencial da formação de

¹ “Nos anos de 1972 e 1973, duas experiências de cunho prático surgem quase que simultaneamente e marcam o lançamento da semente da agricultura orgânica no país. Uma delas foi a fundação da Estância Demétria – em Botucatu no interior de São Paulo – que segue os princípios da agricultura biodinâmica, e a outra foi a instalação de uma granja orgânica pelo engenheiro agrônomo, formado no Japão, Dr. Yoshio Tsuzuki, no município de Cotia-SP.” (Darolt, 2000 – p. 78)

² Outras experiências pioneiras no Brasil foram a COOLMEIA (também uma cooperativa de consumidores), formada em 1978 no estado do Rio Grande do Sul, e o Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural (IBD), criado em 1984 em Botucatu (SP), que hoje é o maior órgão certificador de produtos orgânicos com atuação no território nacional.

³ Destacam-se neste caso três instituições: a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ), o Centro Nacional de Pesquisa de Agrobiologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agrobiologia), e a Estação Experimental de Itaguaí da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (EEI/Pesagro-Rio).

⁴ A AS-PTA surgiu nesta data como desdobramento do Projeto Tecnologias Alternativas na Agricultura da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (PTA/FASE), iniciado em 1983.

redes institucionais na condução de ações de pesquisa e desenvolvimento rural, vis a vis os preceitos da agroecologia de maximização de recursos.

2- Objetivos e estrutura da Rede Agroecologia Rio:

A Rede Agroecologia Rio tem como tema central o desenvolvimento de comunidades rurais, a partir da difusão de conhecimentos e de tecnologias agroecológicas, gerados pela pesquisa agrícola, sendo os seguintes seus objetivos gerais:

- Fortalecimento da agricultura estadual, em especial a familiar, favorecendo sua sustentabilidade, com a consequente melhoria do nível de renda dos produtores, contribuindo para a preservação ambiental e para a qualidade de vida no meio rural;
- Ampliação da oferta de alimentos produzidos organicamente no estado, melhorando os alimentos disponíveis à população fluminense no que se refere à qualidade nutricional e à ausência de contaminações químicas nocivas à saúde humana;
- Diminuição e até eliminação dos impactos ambientais negativos do modelo agrícola vigente, em particular a contaminação de águas superficiais e subterrâneas;
- Eliminação dos impactos negativos à saúde dos agricultores e suas famílias, oriundos do uso indiscriminado de agrotóxicos. Este objetivo implica também em economia nos gastos com saúde pública nas zonas rurais;
- Capacitação em agroecologia de técnicos e produtores rurais, a partir do estabelecimento da Rede Agroecologia Rio como um centro de referência na geração de tecnologias apropriadas e na divulgação de informações em agroecologia.

Para a consecução destes objetivos, a Rede Agroecologia Rio é formada por sete instituições, com as seguintes áreas de atuação:

- Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO), entidade que congrega os agricultores orgânicos fluminenses, sendo responsável pela certificação da produção de seus associados.
- Agrinatura Alimentos Naturais Ltda. (AGRINATURA), empresa privada que atua no ramo da comercialização de produtos orgânicos, e que na Rede Agroecologia Rio participa como assessora para assuntos de mercado.
- Assessoria e Serviços em Agricultura Alternativa (AS-PTA), organização não governamental que atua em projetos de desenvolvimento rural, participando da Rede Agroecologia Rio na assessoria relativa a metodologias participativas junto às comunidades rurais.
- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro (Emater-Rio), responsável pelas ações de extensão rural no âmbito da Rede Agroecologia Rio.
- Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio), com atuação na área de geração de conhecimentos e de tecnologias agroecológicas.
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ), com atuação na área de geração de conhecimentos e de tecnologias agroecológicas.
- Centro Nacional de Pesquisa de Agrobiologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agrobiologia), com atuação na área de geração de conhecimentos e de tecnologias agroecológicas e coordenação das atividades da Rede Agroecologia Rio.

O primeiro projeto da Rede contemplou uma das atividades mais expressivas da agricultura do estado do Rio de Janeiro, e intitulou-se “Desenvolvimento da Olericultura Fluminense em Bases Agroecológicas”.

As atividades propostas incluíram: diagnóstico rápido e participativo em agroecossistemas (DRPAs) em áreas-pólo pré-selecionadas de comunidades rurais do estado, com reconhecido potencial para a agroecologia; estabelecimento de linhas de experimentação participativa nessas áreas-pólo; produção controlada de insumos agroecológicos (biofertilizantes, sementes de adubos verdes, caldas fungicidas, etc.) e sua distribuição para uso experimental; implantação de unidades destinadas a pesquisas sobre sistemas integrados de produção agroecológica; revisão/atualização de normas técnicas para certificação da produção orgânica, treinamento de técnicos vistoriadores e credenciamento de novos agricultores; estudo do mercado de produtos orgânicos na cidade do Rio de Janeiro.

A estrutura organizacional da Rede Agroecologia Rio reflete como o projeto foi concebido, quais as vertentes privilegiadas para agrupar as várias ações e como as mesmas vêm sendo conduzidas. Possui um Conselho Técnico com representantes das instituições componentes e, com a finalidade de melhor aproveitar, de forma integrada, as diferentes competências das instituições envolvidas, foram criados dois grupos temáticos : Grupo I - Sócio-Economia, composto por três equipes de trabalho: Equipe 1, encarregada do diagnóstico rápido participativo (DRPA); Equipe 2, responsável pela pesquisa de mercado, e Equipe 3, encarregada da difusão de tecnologia. Grupo II - Desenvolvimento Tecnológico, composto por quatro equipes de trabalho: Equipe 4, responsável pela implantação e gestão dos Sistemas Integrados de Produção Agroecológica; Equipe 5, encarregada das ações de pesquisa participativa e da validação de tecnologias em comunidades rurais e em estações experimentais; Equipe 6, responsável pela produção de insumos agroecológicos, e Equipe 7, encarregada do credenciamento de agricultores orgânicos.

3- Estratégia de ação e principais resultados da Rede Agroecologia Rio:

A Rede Agroecologia Rio concentrou sua atuação inicial na olericultura, por ser a atividade agrícola de maior expressão no estado, sob sistemas de produção familiares, além de ser a que tem o maior aporte de técnicas orgânicas de produção disponíveis. A efetiva participação dos agricultores no processo de geração e de difusão da pesquisa foi condição básica para o trabalho.

A realização do trabalho do primeiro projeto da Rede Agroecologia Rio nas áreas-pólo⁵, deu-se junto aos agricultores, atores considerados protagonistas no processo de geração e difusão de tecnologias agroecológicas adaptadas às suas condições sócio-ambientais. A atuação dos extensionistas da Emater-Rio visou dinamizar este processo, sendo o elo entre agricultores e pesquisadores, assim como a ABIO, elemento de unidade dos agricultores, facilitador do acesso a um mercado diferenciado e às tecnologias alternativas.

Após realização dos DRPAs, foi feita uma reunião para devolução aos agricultores dos resultados obtidos. Estes opinaram e corrigiram os diagnóstico apresentado, priorizando-se os problemas de cada comunidade. Para os problemas mais prementes de solução, a equipe de difusão de tecnologia procurou respostas tecnológicas que foram apresentadas como hipóteses de solução do problema e iniciaram-se os

⁵ Foram as seguintes as áreas-pólo: Comunidade Córrego Santo Antônio no município de Bom Jardim; Comunidade Janela das Andorinhas no município de Nova Friburgo; Comunidade Vala Preta no município de Magé; e Comunidade da Gleba “G” do Assentamento São José da Boa Morte no município de Papucaia.

experimentos participativos nos quais os próprios agricultores, discutiram estas possíveis soluções técnicas. Assim, estes, apresentaram, em alguns casos, hipóteses alternativas, escolheram as metodologias e os indicadores, realizaram e acompanharam os testes de práticas agroecológicas. Ao mesmo tempo, os problemas para os quais não foram encontradas soluções imediatas, passaram a ser pesquisados nos sistemas integrados de produção agroecológica, localizados nas unidades de pesquisa.

Com o objetivo de formar um centro de referência na geração e na divulgação de técnicas agroecológicas, as instituições parceiras da Rede Agroecologia Rio desenvolveram serviços que dão suporte logístico para o desenvolvimento da agroecologia. A oferta de insumos alternativos (caldas, biofertilizantes, sementes de adubo verde, etc.) aos agricultores experimentadores é um dos papéis exercidos pela Pesagro-Rio e Embrapa Agrobiologia. Para ajudar a promover a agroecologia e o desenvolvimento sustentável, a AS-PTA disponibilizou seu centro de documentação que reúne mais de 40.000 títulos entre livros, documentos e artigos nacionais e estrangeiros relacionados ao tema da agroecologia.

Para fazer face a uma já significativa demanda pelo credenciamento dos sistemas de produção e comercialização orgânica, a ABIO necessitou de uma reestruturação, não só em termos administrativos e normativos, mas também quanto à capacitação dos “técnicos visitantes”. Os recursos oriundos do primeiro projeto da Rede Agroecologia Rio, previstos para tal finalidade, foram essenciais para viabilizar e acelerar este processo. A partir da implantação da Rede Agroecologia Rio, o número de agricultores interessados em obter o credenciamento aumentou, passando de 17 unidades produtivas certificadas em 1997 para cerca de 98 unidades produtivas certificadas pela ABIO em 1999, espalhadas em 16 municípios, e 170 agricultores em 2000, o que significa um crescimento de 1000% em três anos.

Quanto à AGRINATURA, por ser um representante da iniciativa privada ligado à comercialização de produtos orgânicos, seu papel tem sido de informar a Rede Agroecologia Rio sobre as tendências de mercado, assim como a Pesagro-Rio. Finalmente, a publicação de material destinado aos agricultores também tem sido objetivada pela Rede Agroecologia Rio, disponibilizando os resultados de pesquisa em material de fácil acesso aos agricultores.

Os resultados obtidos à conta das atividades da Rede Agroecologia Rio são de natureza bastante variável. Os impactos de maior expressão e relevância, esperados pelos mentores do projeto, diziam respeito a identificação e a multiplicação do número de agricultores orgânicos no estado e ao conseqüente aumento da oferta de alimentos saudáveis à população consumidora. É oportuno esclarecer que o Rio de Janeiro, embora geograficamente pequeno, representa o segundo maior mercado de alimentos do país.

Como resultados de pesquisas neste primeiro projeto, podemos assinalar: o estudo do mercado dos alimentos orgânicos *in natura* (pioneiro no país); o estabelecimento/fortalecimento de espaços específicos para pesquisa em agroecologia nas estações experimentais dos institutos de pesquisa envolvidos na Rede Agroecologia Rio; as ações de pesquisa participativa desenvolvidas nas áreas-pólo e nos núcleos da ABIO.

4- Principais entraves observados e possíveis soluções:

A combinação das abordagens participativas com o enfoque agroecológico tem proporcionado maior eficiência nos programas de desenvolvimento agrícola no Brasil e no mundo. Visa apoiar a agricultura familiar na busca por alternativas produtivas tecnicamente apropriadas, economicamente viáveis, socialmente justas e

ambientalmente limpas. Dado o caráter inovador da proposta, um dos principais condicionantes para sua aplicação é a formação dos técnicos e dos agricultores.

Weid (2001), analisando as dificuldades ocorridas na Rede Agroecologia Rio, em integrar a abordagem participativa em processos de desenvolvimento local, afirma que vários problemas foram identificados na operacionalização da proposta, mas destaca as dificuldades relativas a necessidade de convivência de culturas institucionais distintas, aliadas ao fato de que foram os pesquisadores que ficaram à frente da iniciativa, contrariamente à prática corrente de maior êxito, de que a extensão deve ser o eixo que organiza e facilita as relações entre os agricultores e os outros atores do processo.

No entanto, a experiência deste autor se baseia em situações em que previamente existiam organizações autônomas e altamente participativas de agricultores familiares, fato que não ocorre no estado do Rio de Janeiro, onde, conforme Alentejano (2000) as formas associativas possuem um longo histórico de tutela, paternalismo, clientelismo, repressão e de resultados negativos que, em muitos casos, deixaram uma grande desconfiança dos agricultores em relação as formas associativas, o que também foi percebido nitidamente nos diagnósticos realizados durante o projeto.

Porém, concordamos com Weid (2001) de que há necessidade da extensão rural ter primazia sobre os outros atores que não sejam os agricultores, isto associado a obtenção de apoio político administrativo seguro, que permita a adoção de um novo tipo de relação entre os serviços de extensão e as organizações de agricultores.

Assis (2002), porém, ressalta que não se pode, neste caso, esperar resultados a curto prazo, considerando que as mudanças necessárias não devem ocorrer somente no plano institucional, mas, acima de tudo, deve-se trabalhar em busca de uma mudança de atitudes dos diferentes atores envolvidos, o que, de acordo com Feiden et al. (2002), só será efetiva, profunda e duradoura, através de um processo educativo condicionado por uma reflexão.

No caso da Rede Agroecologia Rio, a solução não seria a simples liberação pela Emater-Rio de um certo número de técnicos para se dedicarem exclusivamente a esses processos, como apresenta como possibilidade Weid (2001)⁶, mas acima de tudo se faz necessária a implantação de um processo de requalificação de todos os atores envolvidos, com destaque para os da extensão rural, dada a sua importância neste processo, conforme bem destaca Weid (2001). Esta requalificação de todos os atores deve ocorrer como fruto de um processo educativo que permita a reflexão necessária, o que não será possível, no caso dos técnicos, através de treinamentos curtos voltados para temas específicos (uso da adubação verde, compostagem, controle alternativo de pragas e doenças, etc.), mas de cursos mais abrangentes, que não se limitem ao repasse de informações técnicas, mas estimulem a reflexão sobre os temas gerais que norteiam a agroecologia.

Isto é importante, porque muito se teoriza, se discute e se procura implementar metodologias de extensão que favoreçam o processo de mudança de atitudes relativas aos agricultores, mas pouco se comenta

⁶ Este mesmo autor ressalta porém que (...) “*experiências anteriores da criação destes grupos especiais indicou que eventuais mudanças de prioridades políticas da administração podem prejudicar a carreira dos técnicos participantes. Exemplos deste tipo já haviam ocorrido tanto no Rio de Janeiro como no Paraná, intimidando os técnicos a reivindicarem a criação deste tipo de ação exclusiva.*” (Weid, 2001, p.6)

sobre este processo no que se refere aos técnicos. Entende-se que, para estes, qualquer mudança, no nível em que se deseja em relação à agroecologia, é extremamente dificultada visto que representa, na maioria dos casos, a negação de conhecimentos arraigados, adquiridos ao longo de anos de aprendizado.

Este processo de mudança de atitude, apesar de todas as dificuldades e da morosidade que possa apresentar, é fundamental para o encaminhamento dos futuros trabalhos da Rede Agroecologia Rio, posto que somente assim será possível buscar, de forma efetiva, as mudanças necessárias mais facilmente perceptíveis, quais sejam, a mudança das diferentes culturas institucionais envolvidas e os ajustes entre elas.

Destarte, é evidente, que a atuação direta junto aos agricultores, visando o desenvolvimento agrícola com base na agroecologia, deve ser atividade primaz da Emater-Rio. Entende-se, no entanto, que a eficaz interação entre as diferentes instituições que compõem a Rede Agroecologia Rio apresenta grande potencial na promoção maciça da agroecologia, como um novo paradigma para a agricultura.

Isto leva a outro entrave para o desenvolvimento do projeto, causado pelas diferentes culturas institucionais das instituições envolvidas, tanto no sentido das estruturas administrativas e operacionais, que não poucas vezes estiveram próximas de causar conflitos, bem como da própria maneira de encarar os objetivos do projeto. Se para uns o projeto visava iniciar um processo de adoção de tecnologias agroecológicas visando a uma transição lenta e gradual para sistemas de produção orgânica, para outros o objetivo foi entendido como o de propiciar a conversão radical e imediata das propriedades envolvidas para propriedades orgânicas certificadas. Havia ainda os que entendiam que o projeto deveria ter como objetivo a assistência e o apoio aos agricultores orgânicos já existentes, e que estes passariam a ser irradiadores deste sistema de produção. Este impasse somente foi claramente percebido no seminário de avaliação final do primeiro projeto, realizado em setembro de 2000. Neste seminário foi definido que a atuação da rede poderia se dar nos três aspectos, sem privilegiar nenhum deles, e de acordo com as circunstâncias.

Também com relação as diferenças institucionais, chegou-se ao consenso de que, apesar de todas as dificuldades causadas pelas culturas institucionais, é extremamente vantajoso trabalhar em rede. Além disto, que o fortalecimento da Rede Agroecologia Rio somente se dará através do fortalecimento de cada uma das instituições participantes. Assim, cabe ao conjunto dos componentes da Rede Agroecologia Rio apoiar, em todos os sentidos, as iniciativas de cada instituição no sentido de fazer com que esta assuma a agroecologia como seu objetivo.

A partir do final do primeiro projeto, considerando-se a inexistência de recursos específicos para a condução de atividades conjuntas, entende-se que a Rede Agroecologia Rio deverá ser, fundamentalmente, um fórum de debates e de promoção da troca de informações, além de fomentar e de avalizar atividades relacionadas ao tema da agroecologia junto às diferentes instituições parceiras, estimulando para que estas busquem recursos específicos com esta finalidade.

Essas atividades deverão enfatizar ações relativas à pesquisa em agroecologia com ênfase em experiências participativas, aprofundando-as no âmbito da Rede Agroecologia Rio, bem como ações de assistência técnica e extensão rural para agricultores orgânicos. Todavia, pensando-se a médio e a longo prazo, entende-se que as ações devem ser voltadas principalmente para a conversão agroecológica de unidades de produção, principalmente através da introdução gradual de tecnologias agroecológicas em sistemas convencionais, conforme apresentado por Feiden et al. (2002). Acredita-se, assim, que, mantendo-se

o foco prioritário, até então utilizado pela Rede Agroecologia Rio, junto à produção familiar⁷ será possível atender um maior número de agricultores.

Finalizando, outro ponto importante refere-se a pouca ênfase dada no projeto inicial da Rede Agroecologia Rio, a atuação junto as entidades representativas dos agricultores, visando apoiá-los em suas formas organizativas. Isto teria permitido contrabalançar a fragilidade destas estruturas no estado do Rio de Janeiro, consequência do histórico destas, conforme citado anteriormente (Alentejano, 2000). No entanto, entende-se que para o maior sucesso dos trabalhos futuros, esta questão não poderá ser esquecida, devendo-se atuar principalmente de forma a estimular a organização dos agricultores.

5- Considerações finais:

Com o foco de atuação na pesquisa participativa e na agricultura familiar, a Rede Agroecologia Rio teve como pioneirismo a articulação entre todos os elos da cadeia produtiva da agricultura orgânica, no estado do Rio de Janeiro e mesmo no cenário nacional.

Contudo, essa atuação tem esbarrado nos diferentes entendimentos do que seja a agroecologia pelos diferentes atores envolvidos, devendo ser buscado um consenso que seja fruto de uma reflexão conjunta sobre o tema em questão. O destaque dado, neste caso, para ações de requalificação de todos os atores envolvidos não se deve a eventuais “falhas” que estes estejam tendo em sua participação na Rede Agroecologia Rio, mas à necessidade de que tenham uma atuação mais proativa. Ressalte-se a importância fundamental da Emater-Rio na articulação junto às comunidades rurais fluminenses, de uma forma geral, possibilitando a implementação do processo de desenvolvimento agrícola com base no paradigma agroecológico com a amplitude desejada.

Finalizando, esta requalificação dos atores é fundamental para que estes possam fazer um melhor uso do instrumental participativo junto às comunidades rurais fluminenses, de forma a favorecer a conversão agroecológica de suas unidades de produção.

6- Referências bibliográficas:

ALENTEJANO, P. R. R., **A luta pela terra no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, MST-RJ, 8p. (mimeo).

ASSIS, R. L. **Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas**, Campinas, UNICAMP-IE, 2002, 150 p. (Tese de Doutorado).

ASSIS, R. L. de; AREZZO, D. C. de; ALMEIDA, D. L. de; DE-POLLI, H. Aspectos Técnicos da Agricultura Orgânica Fluminense. **Revista Universidade Rural - Série Ciências da Vida**, Seropédica, v.20, n.1-2, p.1-16, 1998.

⁷ Assis (2002), demonstra que a agricultura familiar apresenta maior potencial de desenvolvimento a partir de um enfoque agroecológico ao mesmo tempo que é mais dependente de ações externas neste sentido.

COSTA, M. B. B. da. Agricultura Moderna e sua Crítica; Uma Saída em Relação as Vertentes da Agricultura Alternativa. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM AGRICULTURA ALTERNATIVA, Londrina, 1984. **Anais...** Londrina: Fundação Instituto Agrônômico do Paraná (IAPAR), 1987. p.68-91.

DAROLT, M. R. **As Dimensões da Sustentabilidade:** Um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba, Paraná. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR): Université Paris 7, 2000. 310p. (Tese de Doutorado).

FEIDEN, A.; ALMEIDA, D. L. de; VITOI, V.; ASSIS, R. L. de. Processo de Conversão de Sistemas de Produção Convencionais para Sistemas de Produção Orgânicos. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.19, n.2, p.179-204, 2002.

FRADE, C. O. **A Construção de um Espaço para Pensar e Praticar a Agroecologia na UFRRJ e seus Arredores.** Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2000. 170p. (Dissertação de Mestrado).

JESUS, E. L. de. Da Agricultura Alternativa à Agroecologia: Para além das disputas conceituais. **Agricultura Sustentável**, Jaguariúna, v.1-2, p.13-27,1996.

JESUS, E. L. de. Histórico e Filosofia da Agricultura Alternativa. **Proposta**, Rio de Janeiro, v.27, p.34-40, 1985.

WEID, J. M. von der. Desenvolvimento Agroecológico: como promovê-lo? In: Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, 1, 2001, Botucatu. **Anais...** Botucatu: FCA/UNESP, 2001. 6p.